

O DIABO VESTE ROSA: HOMOEROTISMO E DESORDEM NO CONTO OS BOFES DE IVAN PANCHINIAK

THE DEVIL WEARS PINK: HOMOEROTICISM AND DISORDER IN IVAN PANCHINIAK'S SHORT STORY *OS BOFES*

EL DIABLO VISTIE DE ROSA: HOMOEROTISMO Y DESORDEN EN EL CUENTO *OS BOFES* DE IVAN PANCHINIAK

Luciano Ferreira da Silva

Doutorado em Letras

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: lucianosf31@gmail.com

RESUMO: O conto “Os Bofes”, de Ivan Pancheniak, se passa no inferno, governado por um Satã estereotipado e conservador. A narrativa é conduzida por um narrador onisciente e irônico, que expõe uma crise no reino infernal causada por um grupo dissidente de diabos. Liderado por Luly, um diabo com traços homoeróticos, o grupo busca modernizar o inferno, propondo mudanças estéticas e ideológicas. O nome "bofes", adotado por esse grupo, carrega uma forte carga simbólica ligada à identidade homoerótica. Como resultado dessa pesquisa percebemos que a tentativa de revolução, no entanto, esbarra em vaidades, estereótipos e conservadorismo. A crítica se volta à superficialidade dos debates e à resistência às mudanças estruturais. O inferno, símbolo da ordem estabelecida, resiste à transformação. O conto utiliza humor, ironia e crítica social para discutir identidade, sexualidade e poder. No final, a revolução é suspensa, e Luly, mesmo com ideias progressistas, é marginalizado.

Palavras-chave: Homoerotismo. Ironia. Crítica social. Conservadorismo. Estereótipos.

ABSTRACT: The short story "Os Bofes" (The Lungs), by Ivan Pancheniak, takes place in hell, ruled by a stereotypical and conservative Satan. The narrative is driven by an omniscient and ironic narrator, who exposes a crisis in the infernal kingdom caused by a dissident group of devils. Led by Luly, a devil with homoerotic traits, the group seeks to modernize hell, proposing aesthetic and ideological changes. The name "bofes," adopted by this group, carries a strong symbolic charge linked to homoerotic identity. As a result of this research, we realize that the attempt at revolution, however, runs up against vanity, stereotypes, and conservatism. The criticism focuses on the superficiality of the debates and the resistance to structural changes. Hell, a symbol of the established order, resists transformation. The story uses humor, irony, and social criticism to discuss identity, sexuality, and power. In the end, the revolution is suspended, and Luly, despite his progressive ideas, is marginalized.

Kerwords: Homoeroticism. Irony. Social Criticism. Conservatism. Stereotypes.

RESUMEN: El cuento “Os Bofes”, de Ivan Pancheniak, se desarrolla en el infierno, gobernado por un Satanás estereotipado y conservador. La narración está conducida por un narrador omnisciente e irónico, que expone una crisis en el reino infernal causada por un grupo disidente de demonios. Liderado por Luly, un demonio con rasgos homoeróticos, el grupo busca modernizar el infierno, proponiendo cambios estéticos e ideológicos. El nombre «bofes», adoptado por este grupo, tiene una fuerte carga simbólica relacionada con la identidad homoerótica. Como resultado de esta investigación, nos damos cuenta de que el intento de revolución, sin embargo, se topa con vanidades, estereotipos y conservadurismo. La crítica se centra en la superficialidad de los debates y la resistencia a los cambios estructurales. El infierno, símbolo del orden establecido, se resiste a la transformación. El cuento utiliza

el humor, la ironía y la crítica social para discutir la identidad, la sexualidad y el poder. Al final, la revolución se suspende y Luly, a pesar de sus ideas progresistas, es marginado.

Palabras clave: Homoerotismo. Ironía. Crítica Social. Conservadurismo. Estereotipos.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro livro do escritor catarinense descendente de ucranianos Ivan Panchiniak, *Rutênia*, publicado em 1996, faz um recorte do imaginário de sua infância e documenta realidades de seus descendentes. Antes deste livro, em 1995, Ivan teve um conto premiado pela Fundação Cultural de Criciúma. Depois recebeu um prêmio de Minas Gerais, que ele nunca foi buscar. Já em *Humanos e mundanos & divinos e diabólicos* (2002), sua segunda obra, apresenta quatorze contos que são investidos de ironia, cinismo, bom humor e relatam, cada um ao seu modo, um recorte de vida da humanidade. Nesta obra, o escritor conta com o discernimento do leitor para que este não o veja como machista ou preconceituoso, nesse sentido, a obra não pode ser confundida com o autor, o narrador é um ser de linguagem independente da criação autoral. Alguns contos se baseiam em fatos verídicos, segundo informações do próprio autor na apresentação do livro, outros trazem fatos criados pela imaginação, baseados em hipóteses por ele elaboradas.

2 A DESORDEM EM OS BOFES

Desta coletânea de contos, selecionamos o de título *Os bofes*, cuja narração em terceira pessoa se passa no reino dos infernos, “ainda” chefiado por Satã. Há em todo o conto um tom irônico que muitas vezes quebra com uma visão pré-estabelecida deste suposto reino. Este conto não traz nenhum questionamento sobre a realidade que está sendo relatada. Há um reino dos infernos em que nele existem diabos que agem normalmente como se isso fosse “normal” dentro do próprio fazer ficcional. Não ocorre o elemento da hesitação para se configurar o gênero fantástico, aproxima-se mais do gênero maravilhoso, enquanto as próprias leis do reino dos infernos preexistem num chamado mundo paralelo sem que haja, por parte de outras personagens algum tipo de questionamento. Desta forma, quanto a esses dois tipos de gêneros:

Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar o fenômeno descrito, dizemos que a obra pertence ao gênero do estranho. Se, ao contrário, ele decide que se deve admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. (TODOROV, 1979, p. 156)

Logo no início do conto o narrador onisciente intruso, cuja visão percorre toda a história, “esse tipo de NARRADOR tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, por trás, adotando um PONTO DE VISTA divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço.” (LEITE, 1989, p. 26). Esse narrador situa o ambiente do inferno como se esse vivesse em uma “crise”. Esta crise se instaura num momento em que surge, sorrateiramente, um movimento de oposição ao soberano Satã. O narrador onisciente descreve o ambiente no qual os fatos irão se desenrolar, os espaços sociais

cognitivo e moral (BAUMAN, 2003) e a possível ruptura com um estado de equilíbrio, a luta por um espaço estético (BAUMAN, 2003). A primeira descrição de Satã já é bastante sugestiva, vejamos:

Satã é um diabo à moda antiga, conservador e tradicionalista, daqueles que por nada desse mundo abrem mão do seu tridente, nem da capa escarlate e, muito menos, do ceremonial diário quando convoca o seu primeiro escalão para o chá da tarde, na verdade uma mistura de enxofre e resina derretida. (PANCHINIAK, 2002, p. 172)

O soberano é apresentado como conservador e tradicionalista, sendo uma imagem estereotipada: com um tridente e uma capa escarlate. O tridente, símbolo fálico, a capa escarlate, lembrando a capa vermelha da sedutora Chapeuzinho Vermelho, irão corroborar o primeiro dado homoerótico da narrativa: ele não deixa de realizar o chá da tarde com seu primeiro escalão. O chá da tarde está para a representação de uma reunião habitual que acontece tradicionalmente entre mulheres para que estas possam, entre outras atividades, trocar confidências sentimentais, incluindo aí as sexuais. O primeiro escalão remete à ideia de que esses parceiros são privilegiados em relação à companhia do soberano, podendo configurar uma troca de conhecimentos que passam, homoeroticamente, pelos mais “chedados”. Interessante é observar que os ídolos da maldade preferidos de Satã são figuras masculinas como Átila, o Huno; Ivan, o Terrível; Nero; Hitler; Stalin e outros.

A oposição acha que Satã está esclerosado, superado e que faz alianças com extremistas e fundamentalistas. Os conspiradores se reúnem no quinto porão do inferno:

Estamos no porão do inferno, no seu quinto mais baixo, um lugar tão horripilante que extrapola a capacidade da mente humana em descrevê-lo. Só de imaginá-lo sentem-se náuseas, coceiras, calafrios, convulsões, delírios, o diabo, enfim. Nesse lugar estão reunidos os conspiradores, embora eles se auto definam como intelectuais progressistas e revolucionários. (PANCHINIAK, 2002, p. 173)

O narrador dá voz às personagens “rebeldes” para que elas possam agir. Contudo a agência, segundo Bhabha (1999), tende a se efetivar num suposto submundo do inferno. O que se questiona é a própria desestruturação de um referente identitário. Se a camada social estratificada como aquela que efetivaria o processo da “desordem”, dentro do reino infernal, já se encontra em “crise”, como poderia visualizar novos caminhos dentro de uma política tradicional e ultrapassada? Interessante verificar que a continuidade dos tormentos, ditos antiquados para com os “pecadores”, é vista como obsoleta pelo grupo minoritário que deseja mudanças.

O diabo Luly, o encarregado do marketing e da publicidade, procura um nome que fosse aceito pelo grupo para não serem reconhecidos. Luly Tenta nomes como camaradas, companheiros, irmãos e amigos, todos esses foram rejeitados porque lembravam respectivamente comunismo, PT (sigla do partido dos trabalhadores no Brasil), religiosidade e familiaridade. Com “trejeitos femininos” o diabo Luly anunciou,

sem querer, a palavra *bofes* e esta logo foi aceita pelo grupo. Lembramos que a palavra se refere ao parceiro “masculino, macho” da relação sexual homoerótica. Ainda percebemos uma divisão dicotômica de relacionamentos sexuais homoeróticos. Vejamos a descrição da cena:

Deu uma sacudida no corpo, eriçou as crinas, agitou o rabo de lá pra cá e de cá pra lá, respirou fundo e, dando-lhes os ombros, desdenhou:

- Bofes!
- Bofes? – alegrou-se Sabottino – Taí, gostei! (PANCHINIAK, 2002, p. 175)

O termo é aceito pelo grupo. A ironia sutil da narrativa se dá no fato de que tais diabos eram os “machos” do reino dos infernos. Observamos que o diabo Luly apresenta traços “efeminados” que são aceitos ou não, notados pelo grupo, algo implícito na narrativa. Todos do grupo então adotam o nome bofe para serem identificados por eles mesmos. A discussão a respeito das mudanças no inferno passa por questionamentos da própria masculinidade dos diabos:

Nenhum deles ignora a posição e os métodos de Satã, e no inferno não há um só diabo macho o suficiente para contestá-lo ou desafiá-lo. Quem sabe agora os “bofes”, agrupando as suas forças e idéias, não definissem uma estratégia para de fato conspirar? (PANCHINIAK, 2002, p. 175)

A construção de um grupo opositor tenta se configurar pela nomeação, e esse processo se instaura pela diferenciação do “outro”, contudo, essa diferenciação traz consigo o germe da ligação com o estereótipo de um grupo de orientação homoerótica. A palavra *bofe*, a princípio, é aceita porque se constitui num elemento diferenciador de grupos homogêneos, é um índice de identificação, via linguagem, com um grupo específico, minoritário e discriminado.

O inferno, segundo Luly, precisava de um novo design e de um novo local. Surgiram nomes como a Escócia e Las Vegas, mas era necessário mudar o visual dos próprios diabos, pois o próprio biotipo deles causava repugnâncias às possíveis almas que eles queriam trazer para o inferno. Observemos que a narrativa constrói, a princípio, a familiaridade de estereótipos ligados a uma concepção leiga, ainda oitocentista. Vejamos o que nos diz Jurandir Freire Costa:

Nos costumes leigos, científicos ou literários, homossexual e relação homossexual pertencente à gramática da devassidão, obscenidade, pecado, hermafroditismo, promiscuidade, bestialidade, inversão, doença, perversão, falta de vergonha, sadismo, masoquismo, passividade, etc. (COSTA, 1992, p. 94)

Nada como a construção da figura do diabo Luly para incorporar, de forma anárquica, quase todas as idéias pré-concebidas a respeito das relações homoreóticas: é devasso, obsceno, anjo caído, bestial, promíscuo, “sem vergonha” e passivo. O que muda é justamente a própria ambigüidade da qual é formada o personagem, ela encarna o estereótipo ao mesmo tempo em que o nega: não é hermafrodita, não podemos

considerá-lo invertido, não é doente, perverso, sádico nem masoquista. O que o personagem quer é mudar as torturas e o próprio visual do reino infernal.

Luly fala dos seus aspectos e sugere mudanças como: “Um visual mais fashion. Pele bronzeada, cabelos loiros, olhos azuis e trajes semelhantes àqueles das drag queens. Vai ser um arraso”. (PANCHINIAK, 2002, p. 177)

Interessante verificar que as “ideias progressistas” do diabo Luly parecem “estranhas” ao grupo, talvez “modernosas” demais. Na medida em que a personagem Luly explicita as suas ideias de mudança, de transformação social, ela passa necessariamente pela observação da aparência. Primeiro, pela proposta do novo design do espaço tradicional do inferno. Segundo pelo “deslocamento” do espaço infernal para um outro espaço mais agradável aos olhos de outros personagens do grupo dos diabos “revolucionários” e “progressistas”. A suposta “agência”, de que nos fala Bhabha (1999), não se efetiva de fato. O que há é um deslocamento das reais questões sociais para a vaidade pessoal de cada um, alicerçada na figura do diabo Luly.

É o chamado comportamento “fechativo” que está por traz da aparência *fashion* do novo design e da expressão bofes. Assim:

Diz-se que alguém tem um comportamento “fechativo” quando procura romper as regras do bom-tom ou escandalizar o preconceito, acentuando maneiras mal vistas ou discriminadas (...). Num certo contexto, o excesso e a zombaria exprimem a condenação do preconceito. As maneiras de agir e falar, entre os parceiros do código, não significam desprezo ou desqualificação moral dos termos usados, e sim retomada lúdica e sarcástica do que o preconceito leva a sério. (COSTA, 1992, p. 95)

Uma aparência mais *fashion* é repudiada pelo grupo “progressista”. As discussões acabam no plano do “besteiro”, arraigando-se num discurso pseudo-libertador, pretensamente propulsor de mudança. A questão foi suspensa momentaneamente e o narrador relata o crescimento de igrejas evangélicas e tradicionais, algo deveria ser feito a esse respeito, segundo o narrador. Os diabos discutiram questões como a proliferação dos Santos a interceder pelos mortais e um dos “bofes” diabos se irrita com o rumo da reunião, parecendo uma sessão de lamentos e de dor-de-cotovelo. Explicita-se no discurso do narrador uma suposta “crise” de “identidade” dos diabos e um dos personagens interfere: “Bofes! – gritou – Esqueceram que somos diabos e que é da nossa natureza promover e disseminar o mal? Que frescura é essa de velas e novenas? Daqui a pouco vão querer que os mortais da terra peçam graças para vocês.” (PANCHINIAK, 2002, p. 179)

Questiona-se o “outro lado” configurado no possível alastramento de igrejas que efetivam o processo de persuasão dos “perdidos” que enfileiram a prática discursiva hegemônica. Tal discurso é calcado na “ajuda”, o que é ironicamente semelhante ao discurso do “bofe” Luly. Vejamos:

- O quê! – Constrangeu-se Sabottino – Quer dizer que se um terráqueo lhe pedir uma mão você dará?
- Dou; dou sim – respondeu sem titubear, e acrescentou: - E não apenas as mãos... (PANCHINIAK, 2002, p. 179)

O pedido de uma graça a um diabo realmente seria uma mudança total na estrutura social e dogmática do inferno, talvez tal transformação ainda não poderia ser instaurada no reino infernal. O “bofe” Sabottino então assevera a impossibilidade de fazer favores aos humanos e se surpreende com a atitude “diferente” do diabo Luly. O discurso do diabo Luly desmascara o possível germe revolucionário. O “bofe” Sabottino então toma uma atitude que é explicada pelo narrador. Será que estaria numa atitude unilateral do diabo Luly a possibilidade de mudança, sendo um diabo de orientação homoerótica? Se isso foi ventilado pela construção da narrativa acabou neutralizado pelo “acatamento” geral do grupo de suspender a “revolução” ou “golpe” do sistema político ultrapassado do inferno. Observemos:

Ouvindo isso do “bofe” pederasta, Sabottino compreendeu que Luly poderia ser tão ou mais pernicioso ao movimento quanto o próprio Satã. Estrategista que era, decidiu abortar temporariamente a causa, compreendendo que no inferno, ainda, não há espaço para mudanças tão radicais. (PANCHINIAK, 2002, p. 179)

Importante verificar que é um diabo de orientação homoerótica que está à frente, indiretamente falando, da suposta revolução, mas que está, de certo modo, isolado da realidade social do inferno e que deve ser neutralizado segundo a construção narrativa, apesar das ideias “liberais”. Falando sobre a função social dos elementos sobrenaturais em obras literárias podemos citar:

Tomemos uma série de temas que provocam freqüentemente a introdução de elementos sobrenaturais: o incesto, o amor homossexual, o amor a vários, a necrofilia, a sensualidade excessiva. Temos a impressão de ler uma lista de temas proibidos, estabelecida pela censura: cada um desses temas foi, de fato, freqüentemente proibido, e pode ser ainda em nossos dias. Além disso, ao lado da censura institucionalizada, existe outra, mais sutil e também mais generalizada: a que reina na psique dos autores. A condenação de certos atos pela sociedade provoca uma condenação que ocorre no próprio indivíduo, proibindo-o de abordar certos temas tabus. O fantástico é um meio de combate contra uma e outra censura: os desencadeamentos sexuais serão mais bem aceitos por qualquer espécie de censura se pudermos atribuí-los ao diabo. (TODOROV, 1979, p. 161)

Interessante observar que qualquer tipo de subversão que busca abalar o que é socialmente construído como equilíbrio, dentro de uma sociedade com perspectiva religiosa cristã, tende a associar essa subversão/desordem a coisa do diabo, o que deve ser evitado. O fantástico entra aqui como espécie de refúgio ao preconceito enraizado em esferas de poder heteronormativo e no inferno (aqui representando uma ordem conservadora), não há espaço para a subversão, tenta-se uma constituição da desordem, mas fracassa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É assim que também podemos ler o conto *Os bofes*, que coloca como protagonistas diabos que tentam uma subversão no inferno porque acreditam que ele esteja ultrapassado. O principal personagem que tenta mudar de forma radical o inferno é um diabo de comportamento homoerótico, o que provoca a ruptura com qualquer tipo de censura ao se supor que é dele que deve vir a questão do homoerotismo.

Neste sentido, a caracterização do personagem Luly é ambígua, pois ele é um dos que está do lado “maligno” da situação, contudo, tende à mudança dentro desta estrutura social específica do inferno. Os seus “trejeitos” e suas ideias denunciam uma postura “efeminada” e/ou homoerótica. Ainda é ambígua porque pertence a um escalão dentro da própria hierarquia política do inferno, mas que é, no final do conto, rejeitado pelo “outro”. Não há imagens no conto, pois trata-se de um texto mais “adulta”, destinado a um público adolescente, se assim podemos dizer.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. O local da Cultura. São Paulo: 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício. Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1989.
- PANCHENIACK, Ivan. Humanos [e] mundanos & divinos e diabólicos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 2006.